

87 129

ODE

À MORTE

DO ILUSTRÍSSIMO E EISCELENTÍSSIMO SENHOR

D. FRANCISCO DE LEMOS  
DE FARIA PEREIRA  
COUTINHO,

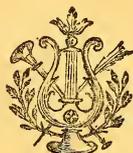
BISPO DE COIMBRA, CONDE D'ARGANIL,  
REFORMADOR REITOR DA UNIVERSIDADE,

À QUAL E A TODO O BISPADO

DEDICA

UM BRASILEIRO

SAUDOSO E AGRADECIDO;



COIMBRA,  
NA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1822.

RPJCB

# O D E.

*Dilectus Deo et hominibus, cujus  
memoria in benedictione est.*

ECCLES. 45. 1.

¿ Que é isto, Ceo piedoso?  
¿ Que negra nuvem albrasar ameaça  
C'o fogo vingador, que silva e estoira,  
A risonha Cidade, torreada? (1)  
¿ Que sepulcral silencio,  
Que apenas interrompem  
Tão magoados soluços?  
¿ Que é isto, ó Ceo? ¿ que horrivel ousadia  
Tua Dextra vingadora desafia?

Mas ah! ¿ que é o que eu oiço?  
¿ O rouco bronze, interprete da morte,  
Das empinadas torres triste brada!  
Éco despertador, nuncio terrivel  
Dos Juizos do Eterno,  
Que do Fiel Rebanho (2)  
As Orações demandas  
Com tão saudoso brado, ¿ quem perdemos?  
¿ P'ra quem ao Ceo as preces levaremos?

Sim — sim — ja comprehendo :  
A Santa Espôsa (3) amargurada chora  
A sua viuvez ; seus filhos chama  
A chorarem com ela o Esposo amado.

Sim — sim — a perda é certa :  
Que os orfãos, as viuvas,  
Os pobres, os piquenos,  
A curvada velhice, o desvalido,  
Clamão que o Pai comum tem ja perdido.

Chorai vossa Orfandade,  
Sim, chorai, que é fatal herança nossa,  
Da gratidão o pranto puro incenso  
É aos olhos do Eterno. Ah! que esse pranto

Val mais que os sumptuosos

Marmoreos obeliscos,

Padrões da vaidade.

Chorai o Varão justo, essa alma rara,  
Que em tantos anos a Nação honrará :

Que do novo Hemisferio,  
Sua terra natal, patria adoptiva  
Veio buscar na Lysia, e co'as virtudes  
Esta honrou, c'o nascimento aquella :

Que, bem medrado Aluno

Da clara Sapiencia,

Penetrou seus arcanos,

E honrou os trez Reinados de tal sorte,  
Que seu nome salvou da lei da morte. (4)

Magnanimo na adversa ,  
Na prospera fortuna moderado , ( 5 )  
Afavel , compassivo , generoso ,  
A' grandeza , em feliz consorcio , unindo  
Religiosa humildade ,  
Do mundo foi Delicias ,  
De Pastores Espelho .  
‡ Que virtudes n'um só tesouro unidas ,  
Que a muitos honrarião , repartidas !

Ilustres Companheiros ,  
Dizei-o vós , que em dilatados anos  
Mão profunda metestes em sua alma ,  
E seu final suspiro recebestes  
Em o leito da morte ,  
Dizei-o , sim : ‡ que axastes ?  
Vossa dor bem o eisplica :  
Na vida um Anjo , no fim dela um Justo ,  
Que aos braços do Senhor voou sem custo .

‡ Porem que novo objeto  
Minha alma assalta ? Varonil Donzela ,  
De lugubre Cipreste coroada ,  
Sòlta a madeixa , palido o semblante ,  
Ante mim se apresenta . . .  
Ah ! sim — eu te saúdo ,  
Athenas Lusitana :  
‡ Vens piedosa honrar hoje a memoria  
D'esse Heroe que te deu tamanha gloria ‡

Vem pois, flores espalha  
Sobre essa Campa fria, e deposita  
A seus pés os trofeos que, por seu braço,  
Da bronca Estupidez tu conquistaste.  
Ele com mão graciosa  
Abriu os alicerces  
Ao teu soberbo Imperio,  
As raias lhe estendeu, sabio profundo,  
Deu-te leis imortais que admira o mundo. (6)

Só a seu meigo aceno,  
Foragida, correu a Natureza  
A depor em teu seio seus tesoiros,  
E dadivosa abriu altos segredos  
Com que as Artes se animão. (7)  
Por ele, teus Alunos,  
Quais providas abelhas,  
Forão longe buscar fertes devezas,  
E a teus cofres troucerão mil riquezas. (8)

Nem te esqueça o denodo  
Com que assaltos da Inveja e da Calunia  
Por ti aos pés calcou, nem seus esforços  
P'ra dar ao Templo teu a indispensavel  
Real arquitetura.  
Abre pois com mão grata  
Em saüdososo Quadro,  
Para espanto do Seculo vindoiro,  
De Lemos as açõis em letras d'oiro.

¿ Onde me arrastas , Musa ?  
¿ Ao Varão imortal , com mão profana ,  
Busto perecedoiro erguer intentas ?  
As azas bate , ao firmamento vda ;  
    Olha , como despido  
    Desta humana poeira ,  
    Pairando sobre as nuvens ,  
O Espirito imortal vê sobranceiro  
Este Orbe , que é no Espaço um vil argueiro.

O' Spirito ditoso ;  
E tu do grão Pombal Genio sublime ,  
Lá da SANTA SIAÕ , onde subistes ,  
O Aluno e o Mestre , vede compassivos  
    Nossa triste Orfandade ;  
    Tutelai de mãos dadas  
    Vossa Patria saudosa ;  
Salvai esta soberba Monarquia ,  
Que bem carece de celeste Guia.

---

(1) Coimbra : *ridentem Collimbriam* chamão-lhe os antigos ;  
suas muitas torres lhe valem o epíteto — *torreada*.

(2) Os Fieis do Bispado.

(3) A Igreja Conimbricense.

(4) Do Senhor D. José I, da Senhora D. Maria I, e o actual,

(5) Sabemos os Contemporaneos o como se houve nos con-  
tratempes que lhe tramou a Inveja. Lembraremos somente o  
que o levou á Corte, contra ele inflamada porque correra ao  
Pombal para receber o ultimo suspiro do Marquez seu amigo e  
Protetor, a quem fez sumptuosas cisequias.

CA 822  
023a  
1-512E

500

12-74

⇒ ( 8 ) ⇐

(6) Alude á gloriosa reforma da Universidade no Reinado do Senhor D. José I. sob os auspícios do grande Marquez do Pomal, a qual valeu bem uma fundação. São testemunho imortal d'essa reforma os Estatutos que se fizeram : obra prima, na qual merece (diz o Padre Antonio Pereira) *os principais gabos* o Desembargador do Paço João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho. O nome só deste grande Magistrado, que serviu tãobem nos ditos trez Reinados, recorda longos e importantissimos serviços, feitos ao lado dos Monarcas, de que nenhum outro Magistrado pode gloriar-se. Apezar disso, pôde tanto a intriga de Corte, que é o unico homem publico daquelle tempo, que ficou sem recompensa. A historia imparcial vingará, um dia, tal afronta.

(7) Alude á regeneração do estudo das Sciencias naturaes, naquelle tempo não só abandonadas, mas até vilipendiadas.

(8) Nomearemos, entre outros, os ilustres sabios, conhecidos na Europa, os Senhores José Bonifacio d'Andrade, Manuel Ferreira da Camara, Manuel Pedro de Melo, e Paulino de Nola e Oliveira, ha pouco chegado a este Reino, os quais todos honrãõ nossa Universidade entre os sabios estrangeiros, e nos troucerão grande cabedal de conhecimentos.

---

### OBSERVAÇÃO.

*As virtudes que attribuimos ao nosso Heroe não são eisageraçõis, nem liberdade de Poeta: sabemos com muita particularidade sua vida, e não dizemos coisa que não possamos provar. E saiba a Posteridade que o autor nada tem que esperar das peszoas que restão desta illustre e gloriosa Familia.*

---

992

cc 7 8p.

D.S. 4/26/88



